

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – 8ª Edição**

**DESCRIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL EM PORTUGUÊS**

**Ivana Pauletti Fante (Autora)**  
**Gabriel de Ávila Othero<sup>1</sup> (Orientador)**

**Resumo:** Este artigo visa apresentar uma descrição do sintagma nominal em português brasileiro, partindo da importância do reconhecimento desse constituinte pela gramática tradicional a fim de tornar a descrição da língua mais clara e sistemática, além de simplificar o ensino de gramática no Brasil.

**Palavras-chave:** sintagma nominal; português brasileiro; gramática tradicional; ensino.

## **Introdução**

O presente trabalho tem por objetivo estudar a estrutura interna do constituinte sintagma nominal (SN) a partir da análise de agrupamentos nominais que constituem as sentenças do português brasileiro (PB) em sua ordem direta, SVO. Os estudos realizados neste artigo se fazem necessários uma vez que a gramática tradicional (GT), por não reconhecer os SNs, comete equívocos na descrição da língua. O reconhecimento desse constituinte contribuirá para os estudos sintáticos, uma vez que permite descrever o comportamento do português de forma mais clara e sistemática, partindo da análise da estrutura interna do SN, para, posteriormente, analisar as funções sintáticas desse constituinte nas sentenças, possibilitando com isso, um ensino mais eficaz de gramática no Brasil.

Estruturamos nosso artigo dividindo-o em três capítulos. No primeiro capítulo, buscamos responder à seguinte pergunta: por que não assumir o SN na descrição gramatical? A partir de algumas inconsistências que encontramos na GT, o reconhecimento desse constituinte parece fazer todo o sentido para a descrição do PB.

---

<sup>1</sup> Professor da 8ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

O segundo capítulo, apresenta uma revisão bibliográfica sobre a descrição do SN. Para isso, analisamos e comparamos as regras de reescrita do SN feitas por Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (2009) e Perini (2010).

No terceiro capítulo, procuramos responder à pergunta: do que é feito um SN em português? Para isso, descrevemos os elementos que constituem um SN a partir da análise de sentenças simples do português. Além disso, apresentamos quatro tabelas com exemplos de SNs levando em consideração as especificidades de cada elemento que pode constituir um sintagma, bem como seus traços de natureza posicional.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre a importância do reconhecimento do SN para a GT e para o ensino de gramática no Brasil.

## **1. Por que não assumir o SN na descrição gramatical?**

Toda frase de uma língua apresenta uma organização estrutural, uma organização sintática. Analisando um conjunto de frases do português, por exemplo, é possível observar que essas frases diferenciam-se umas das outras quanto à significação. Porém, a organização interna - a estrutura sintática das frases - é bastante semelhante, pois obedecem a princípios gerais da língua que tornam possível um enunciado ser carregado de significado e, assim, compreensível entre os interlocutores.

Entre o nível estrutural da palavra e o da frase existe um nível intermediário: o nível sintagmático. E é a esse nível que será dedicado este trabalho: estudaremos a estrutura interna do sintagma, mais especificamente a estrutura interna do sintagma nominal em português.

A estrutura da frase não marcada em português segue a seguinte ordem dos seus constituintes (chamada também de *ordem direta*): SVO (sujeito + verbo + complemento(s)). Dessa estrutura, podemos dizer que o sujeito e o complemento são formados por um agrupamento de ordem nominal, também chamado de sintagma nominal, ou seja, os núcleos desses agrupamentos são constituídos por palavras nominais.

Os sintagmas são agrupamentos com valor significativo na oração, e seus elementos mantêm relação de dependência e de ordem (linear e hierárquica) entre si. Perini (2001, p. 44)

define esses agrupamentos como “grupos de unidades que fazem parte de sequências maiores, mas que mostram certo grau de coesão entre eles”. Dessa forma, os constituintes formam a estrutura das orações, e cada constituinte tem uma função de acordo com seu comportamento gramatical, isto é, “sua posição na sequência dos constituintes, suas relações de regência ou concordância com outros elementos, suas possibilidades de retomada pronominal etc.” (PERINI, 2001, p. 70).

Segundo Souza e Silva & Koch (2009, p. 14), os sintagmas organizam-se em torno de um núcleo, que muitas vezes pode constituir um sintagma por si só. Assim, se o núcleo for um verbo, tem-se um sintagma verbal (SV); se for um adjetivo, um sintagma adjetival (SA); se for um nome (substantivo ou pronome substantivo), um sintagma nominal (SN). Há também o sintagma preposicional (SP), que é formado de uma preposição + sintagma nominal.

As orações, independentemente de sua extensão, são decompostas em, no mínimo, dois constituintes: SN e SV. Por exemplo:

(1) João e Maria | compraram um carro.  
           SN  SV

(2) ∅ | Compraram um carro.  
       SN  SV

O SN nem sempre aparece explícito na oração, ao contrário do SV. No exemplo (1), o SN aparece no início da oração. No exemplo (2) o SN aparece como um elemento vazio, não preenchido, uma vez que ele está implícito na conjugação do verbo *compraram*.

Como dissemos acima e de acordo com os exemplos citados, toda oração, portanto, é constituída por ao menos dois sintagmas, mesmo quando um não esteja presente. Aqui encontramos uma limitação grave da GT, pois ela não reconhece esse tipo de agrupamento nominal, especialmente, como argumentaremos aqui neste trabalho, do agrupamento chamado sintagma nominal.

Devido ao não reconhecimento dos sintagmas pela GT, encontramos equívocos quanto à descrição das classes de palavras do português. Um exemplo disso é a descrição dos pronomes apresentada por alguns gramáticos. De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (2009, p. 170), por exemplo, “pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um

substantivo”. Segundo Faraco & Moura (1988, p. 196), “pronome é a palavra que substitui ou determina o nome”. E em Cegala (2008, p. 179), “pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam”. Vejamos os exemplos:

(3) [A menina rica] viajou para Londres.

(4) [Ela] viajou para Londres.

O pronome *ela*, no exemplo (4), está substituindo *a menina rica*, sujeito da oração do exemplo (3), que tem por núcleo um substantivo, *menina*.

O pronome, na verdade, não substitui um nome, mas um sintagma nominal (um constituinte da oração). Podemos perceber isso aplicando o chamado “teste de pronominalização”, que consiste na substituição de um constituinte por um pronome: tudo que puder ser substituído por um pronome é um constituinte da oração. Dessa forma, as definições apresentadas pelos gramáticos citados anteriormente são inadequadas. Veja os exemplos:

(5) [A irmã mais nova do João] viajou para Londres.

(6) [Ela] viajou para Londres.

O pronome *ela* substitui todo o sintagma nominal *a irmã mais nova do João* e não apenas o substantivo *irmã*. Portanto, não é correto afirmar que o pronome pode substituir um nome, um substantivo, uma vez que o que ele substitui é o constituinte. Daí a importância do reconhecimento do SN como constituinte da frase na gramática tradicional. O mesmo se dá com os exemplos (3) e (4), vistos mais acima.

Além disso, vejamos os exemplos abaixo:

(7) a menina rica

ela

a irmã mais nova do João

Apesar de apresentarem diferenças na estrutura, as três formas do exemplo (7) apresentam algumas semelhanças no nível sintático. Todas elas podem assumir a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto ou adjunto adnominal de uma oração, por exemplo. A GT, na maioria dos casos, não menciona a existência do constituinte sintagma

nominal, o que facilitaria a compreensão da estrutura e do funcionamento da língua por seus usuários.

Perini (1999, p. 37-38) expõe o problema do não reconhecimento do SN:

[...] a inexistência de uma noção clara de sintagma nominal obriga as gramáticas a descreverem o comportamento sintático dessa classe de maneira desnecessariamente complicada e sem unidade – em outras palavras, de maneira não-sistemática. Assim, Cunha (1975) diz que um sujeito pode ter como núcleo: um pronome pessoal; um substantivo; um pronome demonstrativo; um pronome relativo; um pronome interrogativo; um pronome indefinido; um numeral; uma palavra ou expressão substantivada; uma oração substantiva; mais de um substantivo; mais de um pronome; mais de um numeral; mais de uma palavra ou expressão substantivada; mais de uma oração substantiva; ou “outras combinações” – ao todo, quinze possibilidades de sujeitos claros [...].

Perini afirma que a forma como a GT descreve as funções sintáticas de um agrupamento, sem o reconhecimento do SN, apresenta dois defeitos: a) “deixa de explicitar a estrutura propriamente dita dos sujeitos, dando apenas a lista dos possíveis *núcleos* do sujeito”; e b) esse tipo de descrição “obrigará a repetir a *mesma* lista de quinze possibilidades quando formos explicitar quais são os possíveis núcleos de um objeto direto, ou de um objeto indireto, ou de um adjunto adnominal” (PERINI, 1999, p. 38). Dessa forma, o estudo da estrutura sintática do português brasileiro (PB) parece não fazer sentido, pois a análise sintática da língua se torna repetitiva e confusa. A nosso ver, o estudo e a reflexão sobre nossa língua seria muito mais lógico e claro se partíssemos da análise da estrutura interna do constituinte SN para depois estudarmos as possibilidades de funções sintáticas que esse constituinte pode assumir nas orações do PB.

Torna-se, portanto, de grande importância o reconhecimento do constituinte SN para a GT. O fato de essa classe apresentar semelhanças estruturais e poder exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, objeto indireto e adjunto adnominal deve ser levado em consideração pela GT para que se possa descrever um comportamento sintático mais claro e sistemático da língua. Assim, aceitando a existência dos sintagmas, é possível afirmar, de modo muito mais simples, que o sujeito e o objeto direto, por exemplo, são formados por um SN, e o objeto indireto é formado a partir de uma preposição mais um SN (com exceção do objeto indireto formado pelo pronome *lhe*, que é um SN). Logo, podemos concluir que, nas orações, há agrupamentos denominados sintagmas nominais e que cada SN pode desempenhar diferentes funções sintáticas.

Ao dissertar sobre a questão do reconhecimento do SN na GT, Perini (1999, p. 41) traz a seguinte conclusão:

[...] Não é o bastante saber, por exemplo, que as orações em português podem ter sujeito; é preciso saber também que essa função é ocupada por uma classe particular de formas (sintagmas nominais), e que essa mesma classe pode ocupar outras funções (objeto direto etc.). A classificação das palavras é apenas um caso particular de classificação das formas sintáticas, e desprezar esse fato equivale a deixar de exprimir muitas generalizações importantes sobre a estrutura da língua.

Concordamos com o autor quando ele afirma que, além de saber da existência do sujeito nas orações formadas em português, é importante saber também que esse mesmo agrupamento desempenha outras funções sintáticas dentro de uma sentença, a de objeto direto, por exemplo. Deixar de lado essa “coincidência” estrutural do português é deixar de lado uma contribuição importante para o estudo do funcionamento da nossa língua materna.

Assumindo a existência e a devida importância do SN, a GT possibilitará uma reflexão crítica e menos complicada sobre a sintaxe do PB. Além disso, contribuirá para um ensino mais eficaz de gramática, já que partirá para um estudo mais aprofundado da estrutura sintática da língua. O reconhecimento do SN, portanto, vem a preencher algumas lacunas da gramática tradicional no ensino do português no Brasil, proporcionando um aprendizado reflexivo sobre a organização e a formação das frases em nossa língua, dando lugar à compreensão e não simplesmente à memorização de normas.

## **2. Pressupostos Teóricos**

Este capítulo apresenta uma revisão bibliográfica sobre o agrupamento nominal chamado Sintagma Nominal. Para isso, levantamos, analisamos e comparamos as descrições e as propostas de reescrita do SN feitas por Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (2009) e Perini (2010).

### **2.1 O SN para Perini (2010)**

Perini, na *Gramática do Português Brasileiro* (2010), faz uma descrição detalhada do sintagma nominal e sua estrutura interna. Segundo o autor, o SN é um constituinte que apresenta certas propriedades: a) possui um potencial funcional, ou seja, pode desempenhar

na oração as funções sintáticas de sujeito, objeto e complemento da preposição; b) tem potencial referencial, isto é, não é possível se referir a uma entidade do mundo real ou imaginário através da língua sem fazer uso de um SN.

O núcleo do SN é o seu centro referencial, é a palavra que determina seu referente no mundo, sobre o que se está falando. Os elementos que acompanham o núcleo são chamados de limitadores.

O núcleo do SN possui algumas propriedades importantes no nível sintático e determina:

- a) “as condições de concordância nominal dentro do SN: em *meu carro amarelo* tanto *meu* quanto *amarelo* estão no masculino singular porque o núcleo, *carro*, é masculino e está no singular;
- b) o ponto de referência para descrever a maioria das relações de ordem dentro do SN. Assim, falamos de limitadores que aparecem antes do núcleo e depois do núcleo;
- c) algumas propriedades do SN como um todo; assim, podemos dizer que *o carro da Rosinha* é um SN masculino e singular, porque seu núcleo tem esses traços.” (PERINI, 2010, p. 254)

Ao analisar a estrutura interna do SN, Perini (2001) critica a GT afirmando que ela é “excessivamente simplista e inadequada” (p. 93), pois deixa de lado detalhes importantes sobre as funções que alguns elementos assumem dentro do constituinte:

“Assim, em um SN como

(3) Aqueles seus livros de psicologia

a gramática tradicional distingue apenas duas funções: *livros* seria o “núcleo”, e os demais termos (*aqueles*, *seus* e *de psicologia*) seriam “adjuntos adnominais”. [...] essa análise é simples demais para fazer justiça à complexidade dos fatos.<sup>2</sup> Na verdade, cada um dos três “adjuntos adnominais” contidos em (3) tem um comportamento sintático diferente e, portanto, desempenha uma função diferente da de seus companheiros.” (PERINI, 2001, p. 93)

Perini assume uma proposta de análise mais complexa do que a análise tradicional. No exemplo dado pelo autor, enquanto a GT distingue somente duas funções no SN (núcleo do sujeito e adjuntos adnominais) o autor afirma que existem quatro funções, já que cada

---

<sup>2</sup> Alguns gramáticos reconhecem subtipos de adjuntos adnominais (pré-nominais). Ver, por exemplo, *Moderna Gramática Brasileira*, Celso Pedro Luft.

adjunto adnominal desempenha uma função diferente dentro do sintagma, além de apresentarem comportamentos diferentes quanto às possibilidades de posicionamento no constituinte. Por exemplo, os termos *aqueles* e *de psicologia* apresentam posições fixas, pois não é possível trocá-los de posição sem que se perca o significado da oração. Já o termo *seus* aceita algumas mudanças em sua posição, embora não seja totalmente livre a sua transposição. Os exemplos abaixo, de Perini (2001, p. 93), tornam claro o comportamento de cada elemento quanto à sua mobilidade dentro do SN<sup>3</sup>.

- (8) a. Aqueles [seus] livros de psicologia sumiram.  
 b. Aqueles livros [seus] de psicologia sumiram.  
 c. \* [Seus] aqueles livros de psicologia sumiram.  
 d. \* Aqueles [seus] de psicologia livros sumiram.

Analisando a estrutura interna do SN, podemos dizer que seus termos apresentam posições relativamente estáveis, já que não há muitas possibilidades de transposições dos seus elementos. Assim, pela observação dos traços de natureza posicional dos elementos que formam um constituinte, é possível diferenciar funções específicas para cada um deles.

Para uma melhor descrição da estrutura interna do SN, Perini (2010) analisa, inicialmente, os elementos pré-nucleares, ou seja, todos os elementos que estão à esquerda do núcleo do SN. Por fim, explica o comportamento dos elementos pós-nucleares, à direita do núcleo do SN.

Assim, temos, segundo Perini (2010, p. 260), como elementos pré-nucleares<sup>4</sup>:

- Pré-determinantes: são os elementos que ocorrem no início do SN, antes do determinante, como *ambos* e *todos*
- Determinantes: são os elementos que aparecem depois do pré-determinante e, na ausência dele, aparecem como primeiro elemento do SN. São eles: *o*, *um*, *esse*, *aquela*, *algum*, *nenhum*, *cada*, *que*, *qual*
- Quantificadores: *quantos*, *tantos*, *poucos*, *muitos*, *vários*, *qualquer*, *certos*, *meio*
- Possessivos sintéticos: *meu*, *seu*, *nosso*

<sup>3</sup> O asterisco marca uma sentença ou um constituinte agramatical.

<sup>4</sup> Além dos elementos listados a seguir, também todos os seus respectivos femininos e plurais.

- Numerais: todos os numerais ordinais e cardinais

Assim, de acordo com o autor, a ordem dos termos é:

pré-determinante → determinante → quantificador / possessivo sintético / numeral

O pré-determinante *todos* apresenta certa mobilidade dentro do SN, podendo aparecer até mesmo depois do núcleo, como mostram os exemplos a seguir:

- (9) a. [Todos] os alunos gostam de português.  
 b. Os alunos [todos] gostam de português.  
 c. Os alunos gostam [todos] de português.

Nem sempre o pré-determinante aparece como primeiro elemento das sentenças em português, e, por isso, nesses casos, o determinante acaba sendo o primeiro elemento que constitui o SN:

- (10) a. [Os] alunos inteligentes  
 b. [Esse] aluno inteligente  
 c. [Um] aluno inteligente

Os quantificadores, os possessivos sintéticos e os numerais aparecem entre barras pois não apresentam uma ordem relativamente fixa no SN, mas, segundo Perini (2010), não é totalmente livre a mobilidade deles por questões de mudança de significado da sentença. Vejamos nos exemplos a seguir, adaptados de Perini (2010, p. 261), como é nítida a diferença de significado que ocorre com a mudança de posição dos quantificadores e determinantes entre os pares de enunciados a seguir:

- (11) a. [Alguma pessoa] entrou na sala.  
 b. [Pessoa alguma] entrou na sala.  
 (12) a. [Um certo exercício] de português.  
 b. [Um exercício certo] de português.

No exemplo (11a), com o determinante no início do SN, entendemos que alguém entrou na sala; já em (11b), com o determinante depois do núcleo do SN, o que entendemos é que ninguém entrou na sala. No exemplo (12) também percebemos mudança de significado com a mudança da posição do quantificador *certos* em relação ao núcleo do SN: em (12a),

podemos pensar que se trata de algum exercício de português dentre outros que existam; já em (12b), entendemos se tratar de um exercício específico de português.

Os possessivos, ao mudarem de posição em relação ao núcleo do SN, também apresentam mudança de significado, como por exemplo em:

(13) [Meu amigo] não passa necessidade.

(14) [Amigo meu] não passa necessidade. (PERINI, 2010, p. 261)

O exemplo (13) faz referência a um amigo específico, enquanto o amigo do exemplo (14) é um amigo genérico, um amigo qualquer dentre todos os amigos.

Segundo Perini (2010, p. 263), “os elementos que ocorrem depois do núcleo do SN constituem uma classe aberta, de número indefinido e composição interna muito variada”, são os chamados *modificadores*. Alguns modificadores também podem aparecer antes do núcleo, provocando, conforme dito acima, diferença de significado. Vejamos alguns exemplos de modificadores pós-nucleares e sua possibilidade de extensão:

(15) O carro [azul]

(16) O carro [do João]

(17) O carro [azul do João]

(18) O carro [azul do primo da Maria]

(19) O carro [azul do primo da Maria que é engenheiro químico]

Comparando os exemplos acima, percebemos como os modificadores pós-nucleares apresentam composição interna e extensão bastante variáveis. Eles podem se constituir de uma única palavra até um número indefinido de elementos. No exemplo (15), o elemento pós-nuclear é constituído apenas de um SA (*azul*). Já no exemplo (16), temos um SP (*do João*). Assim, o exemplo (17) é formado de um SA e um SP. O exemplo (18) apresenta um SA e dois SPs. Enquanto o exemplo (19), além do SA e dos dois SPs, também apresenta uma sentença (S), que é uma oração restritiva.<sup>5</sup>

## 2.2 O SN para Souza e Silva & Koch (2009)

---

<sup>5</sup> Perini não distingue, entre os modificadores, entre complementos e adjuntos.

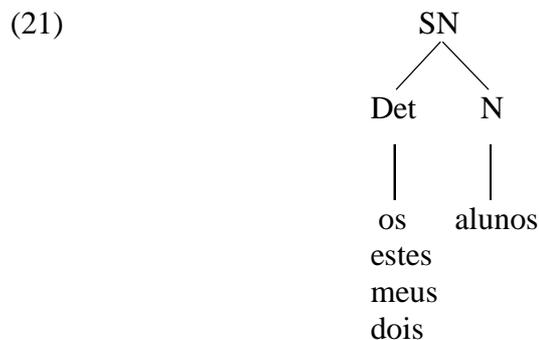
De acordo com Souza e Silva & Koch, o núcleo do SN pode ser constituído por um nome (N) ou um pronome substantivo (Pro). Ele pode aparecer sozinho, somente o núcleo, ou pode vir acompanhado de um determinante (Det) e/ou de um modificador (Mod). Vejamos os exemplos abaixo:

- (20) a. [Maria] chegou. – SN → N  
 b. [Ela] chegou. – SN → Pro  
 c. [A menina bonita] chegou. – SN → Det N Mod

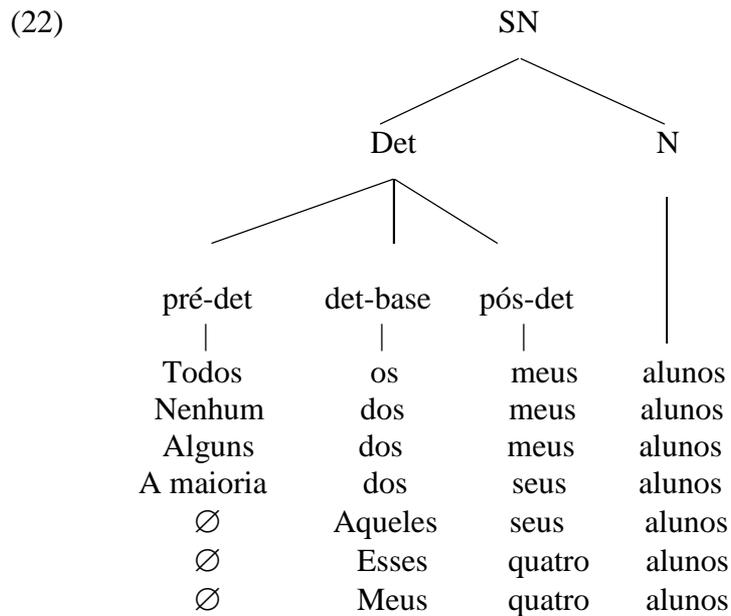
Conforme as autoras, o determinante pode ser simples ou complexo. Ele é simples quando for representado por um artigo, um numeral ou um pronome adjetivo; e complexo quando for constituído por mais de um elemento: o elemento base (det-base), o pré-determinante (pré-det) e o pós-determinante (pós-det). Dessa forma, os elementos que constituem o determinante complexo são:

- Pré-det: são os quantificadores universais, como por exemplo, *todos* e *nenhum*; os partitivos, como *alguns*, *muitos*, *a maioria*
- Det-base: formado pelos artigos e demonstrativos e, na falta de um desses elementos, os possessivos podem ocupar essa posição, levando em consideração que no PB o uso do artigo é facultativo. Por exemplo: *os meus quatro alunos* / *meus quatro alunos*
- Pós-det: são os numerais e os possessivos que ocupam essa posição

Exemplo de determinante simples representado em forma de estrutura arbórea:



Exemplo de determinante complexo, também em forma de estrutura arbórea:



A regra completa do determinante de acordo com Souza e Silva & Koch (2009, p. 18) é a seguinte:

$$\text{Det} \rightarrow (\text{pré-det}) \text{det-base} (\text{pós-det})^6$$

Os modificadores são formados por um sintagma adjetival (SA), que pode aparecer antes ou depois do nome (N), ou por um sintagma preposicional (SP), que só pode aparecer depois do nome-núcleo do SN. Vejamos os exemplos (23) e (24):

(23) a menina [rica] → Mod = SA

(24) a panela [de ferro] → Mod = SP

Dessa forma, o modelo de reescrita do SN proposto por Souza e Silva & Koch (2009, p. 18) é o seguinte:

$$\text{SN} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} ((\text{Det}) (\text{Mod}) \text{N} (\text{Mod})) \\ \text{Pro} \\ \emptyset \end{array} \right\}$$

Assim, de acordo com a regra de reescrita acima, temos que o SN é constituído de: um Det que, por sua vez, pode ser simples ou complexo; um Mod, nesse caso um SA por estar antes do núcleo; o N, que também pode ser um pronome substantivo ou ainda um

<sup>6</sup> Os parênteses indicam que o elemento é facultativo.

elemento não preenchido foneticamente, como visto inicialmente no exemplo (2); e, por fim, outro modificador, que aqui pode ser um SA ou um SP. Os parênteses indicam que a presença desses elementos é facultativa, sendo, portanto, o núcleo nominal o único elemento obrigatório.

Comparando o modelo de reescrita do SN acima, proposto pelas autoras, com os estudos de Perini (2010), percebemos algumas divergências entre os autores. Os pré-determinantes, para Perini, são apenas dois: *ambos* e *todos*. As palavras *alguns*, *muitos* e *a maioria*, classificadas como pré-determinantes por Souza e Silva & Koch, são classificadas por Perini como determinante (*alguns*) e quantificadores (*muitos* e *a maioria*). Além disso, Perini não divide o determinante como Souza e Silva & Koch dividiram (em pré-det – det-base – pós-det). E o possessivo, para Perini, nunca ocupa o lugar de um determinante, ou det-base segundo as autoras, ele geralmente aparece após um determinante. De acordo com Perini, a posição do possessivo é sempre após o determinante e, na ausência do determinante, este fica como um elemento não preenchido foneticamente, como vemos no exemplo a seguir:

- (25) a. Todos [os] meus alunos  
 b. Todos [∅] meus alunos

Analisando outros autores que igualmente discutem sobre a descrição do SN, podemos dizer que o modelo de descrição proposto por Souza e Silva & Koch apresenta algumas inadequações, ao não prever elementos recursivos dentro do SN. De acordo com Othero (2006, p. 41), teríamos de elaborar novas regras cada vez que encontrássemos um SN com dois ou três modificadores à esquerda. Por exemplo, como explicar a sentença abaixo conforme a regra de reescrita proposta pelas autoras:

- (26) O único insubstituível grande amigo (LEMLE, 1984, p. 151)

Nesse caso, para o exemplo (26), seríamos obrigados a criar mais uma regra de reescrita do SN, como a seguinte:

SN → Det Mod Mod Mod N

Dessa forma, pensando em adaptar uma regra de reescrita do SN que fosse eficiente para uma gramática normativa escolar, por exemplo, precisaríamos reelaborar a regra proposta por Souza e Silva & Koch (2009), a fim de evitar possíveis inconsistências na

descrição da estrutura do SN. Na seção seguinte, analisaremos os estudos de Lemle (1984) que também elabora uma regra de reescrita do SN.

### 2.3 O SN para Lemle (1984)

A regra que gera o SN, segundo Lemle (p. 150), é a seguinte:

$$\text{SN} \rightarrow ((\text{Quant}) \text{Det}) (\text{Adj})^* \text{N} (\text{Adj})^* (\text{SPrep})^* (\text{Adj})^* (\text{S})^*$$

Onde temos:

Quant = quantificadores

Adj = adjetivos

SPrep = sintagma preposicional

S = sentença

( ) = indicam a ocorrência facultativa da classe gramatical, sendo, portanto, o nominal o único elemento obrigatório.

\* = indica que pode haver a repetição da classe gramatical, ou seja, a possibilidade de ocorrência ilimitada desses elementos (recursividade).

De acordo com a autora, os elementos que geram o SN são constituídos por:

- Quantificadores: *todos e ambos*
- Determinantes: são os artigos definidos, demonstrativos e os adjetivos indefinidos (*algum, nenhum, certo, cada*)
- Adjetivos: são os adjetivos possessivos, os indefinidos (*outro e mesmo*), os indefinidos que indicam quantidade (*muitos, poucos, diversos, numerosos*), os qualificativos e os numerais

A partir dos exemplos (27) a (30) abaixo, de Lemle, observamos como a regra de reescrita do SN proposta pela autora – diferentemente de Souza e Silva & Koch (2009), que não mencionam a recursividade dos elementos – pode dar conta de explicar a possibilidade de alguns de esses elementos se repetirem dentro do SN. Vejamos a recursividade dos elementos nos exemplos da autora (LEMLE, 1984, p.151):

- (27) uma incrível má sorte – SN → Det Adj Adj N  
 (28) um vinho chileno gostosíssimo – SN → Det N Adj Adj  
 (29) jogador de futebol da Holanda – SN → N SPrep SPrep  
 (30) os sonhos que eu tinha que nunca se realizaram – SN → Det N S S

Entretanto, a regra de Lemle falha ao prever “camadas” internas de estrutura hierárquica. Ou seja: para Lemle, tanto faz aparecer os exemplos (27) a (30) como estes abaixo, com a ordem dos modificadores alterada:

- (27') \*uma má incrível sorte – SN → Det Adj Adj N  
 (28') ??um vinho gostosíssimo chileno – SN → Det N Adj Adj  
 (29') ?jogador da Holanda de futebol – SN → N SPrep SPrep  
 (30') os sonhos que nunca se realizaram que eu tinha – SN → Det N S S

E há diferenças. O que ela não percebe é que o que ela chama de “elementos recursivos” (os dois Adj, os dois SPrep, os dois Ss) não estão no mesmo nível. Na verdade, o segundo adjetivo em (28), por exemplo, modifica todo o agrupamento anterior: Det N Adj.

A ordem hierárquica correta deveria ser como segue: [Det ((N Adj) Adj)], em que o segundo Adj modifica o grupo (Det N Adj).

Além disso, essas regras não preveem a recursividade dos elementos, apenas sua repetição dentro do sintagma. Isso não é recursão; é iteração de elementos.

### 3. Do que é feito um SN em português?

A partir da análise e da comparação das descrições sobre a estrutura interna do SN dos três autores acima citados, Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (2009) e Perini (2010), trataremos, neste capítulo, de descrever do que é feito um SN. Descreveremos cada um dos elementos que constituem o SN para, por fim, elaborar tabelas com exemplos de SNs possíveis em PB.

#### 3.1 O núcleo de um SN

Como vimos nas seções anteriores, Sintagma Nominal é todo agrupamento que tem por núcleo uma palavra de ordem nominal, de extensão bastante variada, e que exerce as funções de sujeito e complementos do verbo em uma sentença. Vejamos a seguir, alguns exemplos de SNs:

(31) [Ele] gosta de [animais].

(32) [O meu filho João] ganhou [uma bicicleta verde].

(33) [A moça loira do quinto andar] tem [um cachorro de pelo liso branco].

O núcleo do SN pode ser constituído de um substantivo ou de um pronome substantivo. Observando os exemplos acima, podemos ver que o núcleo do SN pode aparecer sozinho, conforme o exemplo (31), ou acompanhado de outros elementos, chamados de termos acessórios (determinantes, quantificadores, pronomes possessivos, etc.), conforme vemos nos exemplos (32) e (33), cujos núcleos são *filho*, *bicicleta*, *moça* e *cachorro*, respectivamente.

As palavras que podem constituir o núcleo de um SN são:

- Substantivos, como por exemplo: menino, menina, moça, moço, João, filho, animais, bicicleta, cachorro, felicidade, amor, etc.
- Pronomes substantivos: pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e de tratamento, como por exemplo: eu, tu, ele(s), ela(s), nós, vós, você(s), esse(s), este(s), aquele(s), aquela(s), isto, isso, aquilo, ambos, todos, ninguém, alguém, nenhum, nada, tudo, quem, quando, onde, o senhor, a senhora, a senhorita, etc.

Antes de continuarmos, é importante esclarecer a diferença entre classes e funções em português. De acordo com Perini (1999, p. 40), “uma classe é um conjunto (não necessariamente finito) de formas linguísticas; uma função é um princípio organizacional da linguagem”. Dessa forma, quando falamos em substantivos, pronomes, artigos, etc., estamos falando de classes; já quando falamos de sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, etc., estamos nos referindo às funções que, segundo a GT, as palavras assumem na oração, ou seja, podemos dizer que uma mesma classe pode assumir mais de uma função nas orações. Porém, não são as palavras que assumem papel sintático na oração, são os sintagmas ou constituintes

que fazem isso. Como a GT não reconhece o SN como agrupamento que desempenha função sintática, ela acaba cometendo erros de análise.

Vejam, agora, a tabela 1, referente às classes e funções ocupadas pelos SNs em uma sentença do PB do tipo SVO:

	<b>O meu afilhado</b>	<b>ama</b>	<b>chocolate branco.</b>
CONSTITUINTE	Sintagma Nominal	Verbo	Sintagma Nominal
NÚCLEO	afilhado	ama	chocolate
CLASSE DO NÚCLEO	Substantivo	Verbo	Substantivo
FUNÇÃO DO CONSTITUINTE	Sujeito	Verbo	Complemento (objeto direto)

**TABELA 1 – EXEMPLO DE CLASSE E FUNÇÃO DO SN**

A partir do exemplo da Tabela 1, percebemos claramente como é o constituinte que assume as funções sintáticas nas orações e não as palavras, como afirma a GT. O sujeito da oração da tabela 1 é o constituinte *o meu afilhado*, assim como o objeto direto, complemento do verbo *amar*, é o constituinte *chocolate branco*.

### 3.2 Termos acessórios que acompanham o núcleo de um SN

Como vimos na seção anterior, nos exemplos (32) e (33), podemos ter SNs mais complexos que apresentam termos acessórios acompanhando o núcleo do sintagma. Esses elementos podem aparecer à esquerda e à direita do núcleo. Com o objetivo de descrever o SN mais desenvolvido possível em português, faremos uma descrição de cada um dos termos que constituem o SN.

O primeiro elemento que constitui o SN é o **pré-determinante (pré-det)**. Como os demais elementos, com exceção do núcleo, ele não é obrigatório, e aparece antes do determinante. O pré-det especifica o significado de todo o agrupamento nominal, quantificando-o.

Duas palavras podem ocupar a posição de pré-det: os quantificadores *ambos* e *todos*. Porém, esses dois quantificadores apresentam comportamentos diferentes um do outro na estrutura interna do SN, principalmente quanto à sua posição no constituinte em relação ao núcleo.

Vamos analisar, primeiramente, o comportamento do quantificador *ambos*.

A palavra *ambos* tem valor quantitativo e significa *os dois*. Por isso, sua utilização apresenta algumas restrições. Vejamos os exemplos a seguir:

(34) [Ambos os cachorros] têm o pelo dourado.

(35) [Ambas as bicicletas] são verdes.

Nos dois exemplos acima, as palavras *ambos* e *ambas* significam *os dois*, *as duas*, indicando quantidade. Assim, não é possível utilizar outro quantificador no mesmo SN por questões semânticas, como nos mostram os exemplos abaixo:

(36) \*[Ambos os cinco cachorros] têm o pelo dourado.

(37) \*[Ambos os vários cachorros] têm o pelo dourado.

(38) \*[Ambas as duas bicicletas] são verdes.

No exemplo (36), o uso do numeral *cinco* torna a sentença contraditória, uma vez que *ambos* significa *os dois*. O mesmo ocorre com o quantificador *vários*, em (37). Já no exemplo (38), ocorre uma redundância, pois *ambas* já são duas bicicletas e, por isso, não há necessidade de repetição.

Além disso, *ambos* apresenta uma posição fixa na estrutura interna do SN. Vejamos:

(34') \*[Os cachorros ambos] têm pelo dourado.

(35') \*[As ambas bicicletas] são verdes.

Nos dois exemplos acima, percebemos que é impossível a mudança de posição do pré-det *ambos* por tornar as sentenças agramaticais em PB. Podemos concluir, então, que o pré-det *ambos* aparece em posição fixa, antes do determinante, e não pode ocorrer com outros quantificadores no SN por razões semânticas.

Passemos para a análise da palavra *todos*.

Assim como *ambos*, a palavra *todos* também possui significado quantitativo, porém seu comportamento no SN apresenta algumas diferenças. Vejamos os exemplos abaixo:

(39) [Todos os meus cachorros] têm pelo dourado.

(40) [Todas as minhas bicicletas] são verdes.

Nos exemplos (39) e (40), as duas ocorrências de *todos* indicam quantidade e, assim como *ambos* no exemplo (37), não podem ocorrer junto a um outro quantificador, como por exemplo os quantificadores *vários* e *poucos*, conforme os exemplos (41) e (42) abaixo. Porém, diferentemente do que ocorre com *ambos*, que não aparece junto a outro numeral, como nos exemplos (36) e (38), o quantificador *todos* parece permitir que isso ocorra sem problemas semânticos, como nos mostram os exemplos (43) e (44) a seguir:

(41) \*[Todos os vários cachorros] têm pelo dourado.

(42) \*[Todos os poucos cachorros] têm pelo dourado.

(43) [Todas as cinco bicicletas] são verdes.

(44) [Todas as primeiras classificadas] serão nomeadas para o cargo.

Como vimos mais acima, o quantificador *ambos* tem posição fixa no SN, ocorre sempre em posição inicial, antes do determinante. O mesmo não ocorre com o quantificador *todos*. Vejamos:

(45) [Todos] os alunos

(46) [Todas] as obras públicas

(47) [Todos] os candidatos à Presidência da República

Tomando por base os exemplos acima, vemos que é possível mudar a posição da palavra *todos* mantendo o significado global de cada um deles:

(45') Os alunos [todos]

(46') As obras públicas [todas]

(47') Os candidatos à Presidência da República [todos]

Assim, podemos dizer que o quantificador *todos* apresenta certa mobilidade na estrutura interna do SN, podendo ocorrer em posição inicial, pré-det, ou em posição final.

Concordamos com Pabst (2014, p. 32), sobre a palavra *todos* possuir valor quantitativo e não ter posição fixa e, por isso, assim como ela, chamaremos *todos* de *quantificador flutuante*.

Outra diferença entre *ambos* e *todos* é que o quantificador *ambos* sempre exige a presença determinante no SN para ser gramatical no PB; já com o quantificador *todos*, o determinante pode aparecer preenchido foneticamente ou não, sendo, portanto, facultativo o seu uso. Assim nos mostram os exemplos a seguir:

(48) [Ambos os alunos] foram aprovados.

(49) \*[Ambos alunos] foram aprovados.

(50) [Todos os alunos] foram aprovados.

(51) [Todos alunos] foram aprovados.

O segundo elemento a constituir o SN é o **determinante (det)**. Assim como o pré-det, ele antecede o núcleo. Porém, ao contrário do pré-det que especifica todo o agrupamento nominal, o det serve para determinar – ou indeterminar – o núcleo do SN.

As palavras que ocupam a posição do determinante no SN são:

- Artigos definidos e indefinidos:

(52) [O] aluno estudioso

(53) [As] meninas bonitas

(54) [Uns] alunos estudiosos

(55) [Uma] menina bonita

- Pronomes indefinidos: *algum*, *nenhum*, *cada*<sup>7</sup>

(56) [Nenhum] aluno estudioso

(57) [Algumas] meninas bonitas

(58) [Cada] menina bonita

- Pronomes demonstrativos (exceto os pronomes *isto*, *isso* e *aquilo*, que ocupam a posição de núcleo do SN):

---

<sup>7</sup> E seus femininos e plurais.

- (59) [Este] aluno estudioso  
 (60) [Essas] meninas bonitas  
 (61) [Aqueles] alunos estudiosos

- Pronomes relativos: *que, qual e quais*

- (62) [Que] aluno estudioso  
 (63) [Qual] aluno estudioso  
 (64) [Quais] meninas bonitas

Seguindo a ordem, o próximo elemento que constitui o SN é o **pronome possessivo (poss)**. Ele apresenta maior mobilidade que os elementos vistos até aqui, podendo aparecer na primeira, segunda ou terceira posição de um SN, como nos mostram os exemplos:

- (65) [Meus] alunos  
 (66) Os [meus] alunos  
 (67) Todos os [meus] alunos

Há, entretanto, alguns casos específicos em que o **poss** assume obrigatoriamente determinadas posições no SN:

- Quando um artigo indefinido ou um pronome indeterminado ocupa a posição de um det, o possessivo vai para a posição final do SN, caso contrário, a sentença se torna agramatical. Veja:

- (68) Uns alunos [meus]  
 (68') \*Uns [meus] alunos  
 (69) Alguns alunos [meus]  
 (69') \*[Meus] alguns alunos  
 (70) Muitas amigas [minhas]  
 (70') \*Muitas [minhas] amigas  
 (71) Várias amigas [suas]  
 (71') ?[Suas] várias amigas

- Quando um pronome demonstrativo ocupa a posição de um det, o possessivo pode ir para a posição final ou anteceder o núcleo do SN:

(72) Estes alunos [meus]

(73) Estes [meus] alunos

(74) Aquelas amigas [tuas]

(75) Aquelas [tuas] amigas

A próxima posição do SN é ocupada pelos **quantificadores (quant)**, que podem ser os numerais cardinais e ordinais, e alguns pronomes indefinidos (como por exemplo, *quantos*, *tantos*, *poucos*, *muitos*, *vários*, *certos*, etc.). O quant ocupa a primeira, a segunda ou a terceira posição do SN, como nos mostram os exemplos a seguir:

(76) [Cinco] alunos chegaram atrasados.

(77) Os [cinco] alunos de português

(78) Os meus [dois] cachorros de pelo dourado

(79) Os [primeiros] colocados no concurso

(80) O teu [segundo] marido

(81) [Muitos] filhotes de pelo dourado

(82) Aqueles [poucos] alunos de inglês

(83) As tuas [várias] joias de ouro

Seguindo a ordem da estrutura interna do SN, o próximo elemento que pode constituir um sintagma é o adjetivo, chamado de **sintagma adjetival (SA)**.

O SA é variável em gênero e número, e concorda com o núcleo do SN a que se refere, qualificando-o. Além disso, ele pode aparecer antes e/ou depois do núcleo do SN. A sua posição, algumas vezes, acarreta diferenças de significado na sentença, conforme veremos mais adiante. Há também alguns SAs de posição fixa: exigem determinada posição para tornar a sentença gramatical no PB. Vejamos abaixo alguns exemplos de SA cuja mudança de posição não interfere no significado geral do SN:

(84) O amigo [simpático]

(84') O [simpático] amigo

(85) Uma menina [linda]

(85') Uma [linda] menina

Os adjetivos *simpático* e *linda*, dos exemplos acima, aceitam a posição pós e pré-nuclear sem alterar o sentido geral da sentença. Além deles, outros adjetivos do português

permitem o mesmo, como por exemplo *atencioso, feio, chato, belo, bonito, querido, dedicado*, etc.

Porém, como dissemos acima, alguns adjetivos acarretam diferença de significado de acordo com a posição que ocupam em relação ao núcleo do SN. Comparemos os exemplos abaixo e seus significados:

(86) Um [grande] homem – grandeza figurada, homem honesto, de bom caráter

(86') Um homem [grande] – de dimensões, alto, por exemplo

(87) A [pobre] mulher – que inspira compaixão, coitada

(87') A mulher [pobre] – pouco poder aquisitivo, pouco favorecida

(88) Uma [simples] secretária (PERINI, 2010, p. 263) – apenas secretária

(88') Uma secretária [simples] – humilde, com simplicidade

Comparando os exemplos, percebemos que quando o SA aparece em posição pré-nuclear, o seu sentido se torna mais abstrato, adquirindo valor afetivo, subjetivo, como nos exemplos (86), (87) e (88). Em contrapartida, quando o SA aparece em posição pós-nuclear, ele recebe valor mais objetivo, além de restringir a informação, especificar, como nos exemplos (86'), (87') e (88').

Há SAs, de posição fixa, que só se realizam em posição pós-nuclear, como é o caso dos adjetivos que designam cores, como por exemplo *rosa, verde, gelo, laranja*, etc. Além desses adjetivos, há outros que também assumem somente a posição pós-nuclear no SN, caso contrário tornaria a sentença agramatical. São eles: *ruim, comum, esnobe, macho, fêmea*, além de outros, como nos mostram os exemplos:

(89) Minhas camisas [verdes]

(89') \*Minhas [verdes] camisas

(90) Uma cobra [fêmea]

(90') \*Uma [fêmea] cobra

(91) A invasão [japonesa]

(91') \*A [japonesa] invasão (PERINI, 2010, p.265)

(92) O carnaval [brasileiro]

(92') \*O [brasileiro] carnaval

Outros SAs só se realizam antes do núcleo, em posição pré-nuclear, o que nos parece, portanto, obedecer a restrições de caráter puramente semântico do português. As sentenças abaixo nos mostram alguns exemplos de adjetivos que ocorrem em posição pré-nuclear no SN.

- (93) Um [mero] instrutor
- (93') \*Um instrutor [mero]
- (94) O [suposto] ataque terrorista
- (94') \*O ataque [suposto] terrorista
- (95) Os teus [pretensos] conhecimentos
- (95') \*Os teus conhecimentos [pretensos]
- (96) Um [reles] mortal
- (96') \*Um mortal [reles]
- (97) Um [baita] professor
- (97') \*Um professor [baita]

À direita do núcleo do SN podemos ter a presença de outro SN antecedido de uma preposição. Esse novo constituinte do SN (preposição + SN) é chamado de **sintagma preposicional (SP)** e caracteriza o primeiro SN. O SP, dependendo da preposição que o iniciar, indica diferentes circunstâncias, como por exemplo posse, qualidade, causa, procedência, etc. Vejamos abaixo alguns exemplos de SPs e as circunstâncias expressas por eles:

- (98) O cachorro [de pelo dourado] – qualidade
- (99) O cachorro [da vizinha] – posse
- (100) O turista [do Nordeste] – procedência

Por fim, como último elemento a fazer parte da estrutura interna do SN, podemos ter uma **sentença (S)**. Essa sentença é iniciada por um pronome relativo (que, o qual, cujo, etc.), e tem sentido restritivo ou explicativo com relação ao núcleo do SN. A GT classifica tais sentenças como *Orações Adjetivas Restritivas e Explicativas*. São *Adjetivas* pois elas têm a função de qualificar o termo ao qual se referem (neste caso, o núcleo do SN). Vejamos os exemplos a seguir:

(101) [A vizinha [que tem dois cachorros]] adoeceu. – (é uma vizinha específica, a que possui cachorros)

(102) [Meu sobrinho [que mora em Chicago]] virá nos visitar. – (é o que mora em Chicago, e não o que mora no Brasil)

Observando os exemplos (101) e (102) é possível notar que a sentença, que faz parte do SN, restringe a informação, e, por isso, se torna imprescindível para a compreensão do enunciado.

Agora vejamos estes exemplos:

(103) [Leonardo, [que é meu afilhado,]] é uma peste.

(104) [Joni, [o qual é muito inteligente,]] é engenheiro.

(105) [Nós, [que somos professores,]] estudamos muito.

Tanto em (103), quanto em (104) e (105), a sentença que constitui o SN é explicativa. Ela explica a palavra que a antecede e pode ser retirada do SN sem interferir na compreensão do enunciado.

Assim, após descrevermos e exemplificarmos cada um dos elementos que são possíveis para gerar um SN, propomos as tabelas a seguir com exemplos de construções de SNs realizáveis no PB, levando em consideração as especificidades de cada elemento.

<b>det</b>	<b>poss</b>	<b>quant</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>N</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>SP</b>	<b>S</b>
∅	∅	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
As	∅	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
As	minhas	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
As	minhas	seis	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	∅	∅	∅
As	minhas	seis	muito	queridas	amigas	∅	∅	∅	∅
As	minhas	seis	muito	queridas	amigas	∅	inteligentes	∅	∅
As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	∅
As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
∅	Minhas	seis	∅	queridas	amigas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
∅	∅	∅	∅	∅	elas	∅	∅	∅	que adoram sintaxe
∅	∅	∅	∅	∅	elas	∅	∅	∅	∅

**TABELA 2 – EXEMPLO DE SNs COM DET (ARTIGO DEFINIDO) + POSS**

<b>det</b>	<b>N</b>	<b>poss</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>SP</b>	<b>S</b>
Umas	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Umas	amigas	minhas	∅	∅	∅	∅
Umas	amigas	minhas	muito	inteligentes	∅	∅
Umas	amigas	minhas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	∅
Umas	amigas	minhas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Algumas	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Algumas	amigas	minhas	∅	∅	∅	∅
Algumas	amigas	minhas	muito	inteligentes	∅	∅
Algumas	amigas	minhas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	∅
Algumas	amigas	minhas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe

**TABELA 3 – EXEMPLO DE SNs COM DET (ARTIGO INDEFINIDO E PRON. INDETERMINADO) + POSS**

<b>pré-det</b>	<b>det</b>	<b>poss</b>	<b>quant</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>N</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>SP</b>	<b>S</b>
Ambas	as	∅	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
Ambas	as	minhas	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅
Ambas	as	minhas	∅	∅	queridas	amigas	∅	∅	∅	∅
Ambas	as	minhas	∅	∅	queridas	amigas	∅	inteligentes	∅	∅
Ambas	as	minhas	∅	∅	queridas	amigas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	∅
Ambas	as	minhas	∅	∅	queridas	amigas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Ambas	as	minhas	∅	muito	queridas	amigas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Ambas	as	minhas	∅	∅	queridas	amigas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe

**TABELA 4 – EXEMPLO DE SNs COM PRÉ-DET**

<b>quant flutuante</b>	<b>det</b>	<b>poss</b>	<b>quant</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>N</b>	<b>quant flutuante</b>	<b>SAdv</b>	<b>SA</b>	<b>SP</b>	<b>S</b>
Todas	∅	∅	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Todas	as	∅	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Todas	as	minhas	∅	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Todas	as	minhas	seis	∅	∅	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Todas	as	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	∅	∅	∅	∅
Todas	as	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	∅	inteligentes	∅	∅
Todas	as	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	∅	inteligentes	de Porto Alegre	∅
Todas	as	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Todas	as	minhas	seis	muito	queridas	amigas	∅	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Todas	as	minhas	seis	∅	queridas	amigas	∅	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
Todas	∅	∅	∅	∅	∅	elas	∅	∅	∅	∅	que adoram sintaxe
Todas	∅	∅	∅	∅	∅	elas	∅	∅	∅	∅	∅
∅	∅	∅	∅	∅	∅	Elas	todas	∅	∅	∅	∅
∅	∅	∅	∅	∅	∅	Elas	todas	∅	∅	∅	que adoram sintaxe
∅	As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	todas	muito	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
∅	As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	todas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	que adoram sintaxe
∅	As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	todas	∅	inteligentes	de Porto Alegre	∅
∅	As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	todas	∅	inteligentes	∅	∅
∅	As	minhas	seis	∅	queridas	amigas	todas	∅	∅	∅	∅
∅	As	minhas	∅	∅	∅	amigas	todas	∅	∅	∅	∅
∅	As	∅	∅	∅	∅	amigas	todas	∅	∅	∅	∅

**TABELA 5 – EXEMPLO DE SNs COM QUANTIFICADOR FLUTUANTE**

## Considerações Finais

Neste trabalho, discutimos, inicialmente, a importância do reconhecimento do sintagma nominal para um estudo mais eficaz e coerente da estrutura sintática da língua portuguesa no Brasil, bem como para o ensino de gramática.

Partindo da constatação da existência de algumas inconsistências na descrição do português pela gramática tradicional, chegamos à conclusão de que a análise sintática da língua nos moldes tradicionais tem se tornado repetitiva e confusa. Mais lógico e coerente, portanto, refletir sobre a língua pela perspectiva de análise do sintagma nominal, para, posteriormente, analisarmos as funções sintáticas que esse constituinte assume nas sentenças do português brasileiro.

Como segundo passo do nosso trabalho, realizamos uma revisão bibliográfica onde comparamos a visão e as propostas de reescrita do sintagma nominal por alguns autores que estudam o assunto, tais como Lemle (1984), Souza e Silva & Koch (2009) e Perini (2010). Além deles, utilizamos importantes contribuições de Othero (2006) para esclarecimento de algumas questões controversas que encontramos no decorrer da pesquisa.

Por fim, buscamos descrever do que é feito um sintagma nominal em português. Para isso, descrevemos cada elemento que constitui o sintagma demonstrando suas especificidades através de alguns exemplos. E, por último, construímos tabelas com alguns sintagmas nominais possíveis de serem realizados no português brasileiro.

## Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

DAVID, Karine Alves. **Sintaxe das expressões nominais no português do Brasil: uma abordagem computacional**. Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2007. Dissertação de Mestrado.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. **Gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LEMLE, Miriam. **Análise Sintática: teoria geral e descrição do português**. São Paulo: Ática, 1984.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 7ª ed. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1986.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A gramática da frase em português: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Teoria X-barra: descrição do português e aplicação computacional**. São Paulo: Contexto, 2006.

PABST, Luiza Ujvari. **Lições de sintaxe do português brasileiro para estrangeiros**. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Dissertação de Mestrado.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOUZA e SILVA, M. C. P de; KOCH. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2009.